

Africology 101: Uma Entrevista com o Acadêmico Ativista Molefi Kete Asante

Tradução de Luanda Ribeiro do Nascimento

Fonte original : <https://www.questia.com/library/journal/1G1-192353327/africology-101-an-interview-with-scholar-activist>

Molefi Kete Asante (<http://www.asante.net>) é professor de Estudos Africano-Americanos do Departamento de Estudos Africano-Americanos da Universidade de Temple. Ele é considerado um dos estudiosos contemporâneos mais ilustres, e publicou 66 livros, e entre os mais recentes está *“An Afrocentric Manifesto: Toward an African Renaissance and The History of Africa: The Quest for Eternal Harmony”* (Um Manifesto Afrocêntrico: Rumo a um Renascimento Africano e A História da África : A Busca por uma Harmonia Eterna).

Ele publicou mais livros acadêmicos do que qualquer autor Africano contemporâneo e tem sido reconhecido como um dos dez africano-americanos mais citados. Dr. Asante completou seu Mestrado na Universidade Pepperdine, recebeu seu Ph.D. da Universidade da Califórnia, em Los Angeles aos 26 anos e foi nomeado professor titular com a idade de 30 na Universidade Estadual de Nova York em Buffalo; e não obstante, na Universidade Temple, ele criou o primeiro Programa de Ph.D. em Estudos Africano-Americanos, em 1987; ele orientou mais de 125 dissertações de Ph.D.; escreveu mais de 300 artigos para jornais e revistas; ele é o editor-fundador do *The Journal of Black Studies* (1969); o fundador da teoria da Afrocentricidade, e em 1995 foi nomeado um rei tradicional, Nana Okru Asante Peasah, Kyldomhene de Tafo, Akyem, em Ghana. Itibari M. Zulu (itibari.zulu@tui.edu) é o editor-chefe do *The Journal of Panafrikan Studies*, autor de *Exploring the African Centered Paradigm: Discourse and Innovation in African World Community Studies*, editor de *“Authentic Voices: Quotations and Axioms from the African World Community”*, editor do livro ainda a ser lançado *“Africology: a Concise Dictionary”*, reitor da *“Amen-Ra Theological Seminary”* (Seminário Teológico Amen-Ra), e vice-presidente da *African Diaspora Foundation* (Fundação Diáspora Africana). Ele possui um Th.D. na *African world community theology* (Teologia Comunitária Mundial Africana), um M.L.S. em ciência bibliotecária e da informação, cursos de graduação em Estudos Africano-Americanos, e é atualmente um candidato à Ph.D. no Instituto *Union & University*, em Cincinnati, OH.

As questões que se seguem foram feitas em 20 de agosto de 2007 por Itibari M.Zulu e respondidas por Molefi Kete Asante em 25 de agosto de 2007 e foram publicadas originalmente no *The Journal of Pan African Studies*, volume 2, número 2, em Março de 2008.

Itibari M. Zulu : Em primeiro lugar, obrigado por esta entrevista exclusiva. Você tem feito muito na área de Africologia e em sua vida pessoal, portanto, é realmente uma grande oportunidade para os nossos leitores que possam se tornar mais familiarizados com você, e seu trabalho.

Molefi K. Asante : Obrigado, Itibari, eu estou satisfeito em lhe fornecer um relato tão preciso quanto possível.

Itibari M. Zulu : Eu sei que você escreveu um novo livro intitulado “*An Afrocentric Manifesto: Toward an African Renaissance*” (Um Manifesto Afrocêntrico: Rumo a um Renascimento Africano), você pode nos dar um resumo do seu conteúdo, e em segundo lugar, dizer-nos porque você decidiu mais uma vez explicar a perspectiva Afrocêntrica com um manifesto?

Molefi K. Asante : Sim, “*An Afrocentric Manifesto*” (Um Manifesto Afrocêntrico) foi publicado pela Polity Press, na Inglaterra. Seu objetivo era mostrar como a Afrocentricidade evoluiu desde 1980, quando publiquei o primeiro livro, “*Afrocentricity*” (Afrocentricidade). Minha intenção era identificar questões críticas que confrontam a teoria, isto é, a metateoria da Afrocentricidade. Então eu precisava para discutir a idéia conceitual da Afrocentricidade, colocá-la em seu próprio contexto histórico e filosófico dentro do pensamento Africano, demonstrar como ela opera em relação ao discurso pedagógico, sociolinguístico, histórico, multicultural, e de gênero.

Isto significava que eu tinha de examinar uma série de idéias em torno da construção da Afrocentricidade, a fim de anunciar um manifesto humano. Mas eu prestei atenção aos argumentos a favor e contra a Afrocentricidade. É importante salientar que destaquei teóricos afrocêntricos contemporâneos como Ama Mazama e Maulana Karenga, que têm desenvolvido as dimensões filosóficas e paradigmáticas da ideia. No final o que o manifesto Africano destinava-se a fornecer um argumento nítido, coerente e convincente para uma reconceitualização da forma como Africanos se vêem e a maneira como outros têm visto os Africanos.

Itibari M. Zulu : Eu quase perdi a conta de suas publicações, quantas você tem, até agora, e como você avalia esse corpo de literatura, em um contexto histórico?

Até o momento eu publiquei 66 livros e mais de 300 artigos. Não estou em posição de avaliá-los; isso é algo que os outros vão ter que fazer. Posso dizer-lhe que o meu propósito é fornecer livros que eu gostaria de ter tido acesso quando eu era estudante. Posso também dizer que eu sempre quis construir a disciplina da Africologia, Estudos Africano-Americanos. O campo sempre precisou de indivíduos que dão atenção às grandes questões conceituais da disciplina. Assim, passei meu tempo até agora tentando equipar os meus colegas e os nossos alunos com os instrumentos teóricos, metodológicos, enciclopédicos, e outros tipos de instrumentos eruditos que são necessários para um discurso robusto. Sem tais materiais seríamos simplesmente uma agregação de pessoas sem núcleo substantivo real.

Itibari M. Zulu : Em termos de tempo, como você administra seu tempo para que você possa continuar a ser tão produtivo e criativo, ao longo dos anos? Qual é o seu segredo?

Molefi K. Asante : Meu segredo é bastante simples. Gosto de leitura e escrita. Estas são atividades que você não pode fazer sem reflexão, sentar-se e fazer o trabalho. Eu tento escrever algo todos os dias.

Às vezes eu escrevo apenas uma página; outros dias eu escrevo vinte ou trinta páginas. Não há um tempo específico durante o qual eu tenho que escrever; meu computador está sempre disponível e eu tenho muitas notas, copio novas metáforas, crio jogos de palavras em minha mente e as registro, e passo muito tempo em casa, na minha grande biblioteca.

Itibari M. Zulu : Na sua opinião, quais foram as realizações mais significativas na *Africologia*, e por que você as vê como tal?

Molefi K. Asante : A contribuição mais significativa da *Africologia* é que ela tem impactado todas as ciências sociais de maneiras que as mudaram para sempre. É por causa de nós que os sociólogos não usam a linguagem de privação, em desvantagem, e minoria na sua melhor literatura. É por causa dela que os historiadores estão dispostos a ver vidas negras como criticamente importantes para uma compreensão completa da sociedade americana. Eles não usam os termos *Bushman* (bosquímanos), *Hotentotes*, *Pigmeus*, tribos e primitivos, tanto

quanto eles costumavam antes de 1980. Com efeito, nós mudamos a linguagem das ciências sociais e reinventamos o discurso sobre o povo africano. Nós nos tornamos agentes em nossa própria história.

Itibari M. Zulu : Agora que muitos dos defensores originais e pioneiros da *Africologia* na academia estão aposentados ou perto de se aposentar, como você vê o seu futuro na academia?

Molefi K. Asante : O futuro é muito brilhante. Existem alguns obstáculos que devem ser superados, mas de forma geral nós enfrentamos os principais monstros que nos espreitavam nos cantos da academia e aqueles que virão depois de nós irão encontrar uma sólida fundação. Eu fui orientador de mais de 130 estudantes de doutorado. Nem todos esses alunos estarão nas universidades e faculdades, mas a maioria deles estarão fazendo mudanças e criando condições para o avanço da ciência. Alguns já estão ocupando papéis fundamentais como ilustres professores, chefes de departamentos, professores-pesquisadores e autores de seus próprios livros.

Meus alunos têm publicados juntos mais de 100 livros. Um dos meus ex-alunos já publicou mais de 25 livros. Há outros que têm conquistado o discurso sobre a filosofia Africana, Afrocentricidade e teoria, perspectivas Afrocêntricas sobre raça e racismo, o homem negro, história Africano-Americana, da escravidão e da medicina, e muitos outros tópicos. Sou otimista com relação a esta nova geração. É a velha geração, não investida na *Africologia*; que vai continuar a criar problemas até que todos nos aposentarmos.

Itibari M. Zulu : Quais são alguns dos temas-chave produtivos ou conceitos em *Africologia* que deveríamos examinar para formar novas questões de pesquisa?

Algumas ideias-chave são **localização, deslocamento, orientação, centralização e agência**. Como você interpreta a economia de uma perspectiva Afrocêntrica? É possível visualizar uma forma de cultura Africano-Americana ou Africana como a chave para relacionamentos econômicos, como por exemplo? Quais são as implicações da agência para as relações inter-africanas? Como podemos reinventar a história da diáspora Africana à luz da narrativa contada pelos próprios Africanos?

Itibari M. Zulu : Em seu trabalho você menciona o suicídio disciplinar, esta preocupação diminui quando começamos a olhar para outras disciplinas como uma disciplina auxiliar, e não como uma disciplina concorrente?

Bem, eu não nos vejo como uma disciplina auxiliar; nós somos um novo paradigma que está precisando de estudiosos que tragam uma diversidade de interesses para a disciplina. Pode-se estar interessado em música, questões históricas, e os processos mentais e ser um *Africologista*. Isto significa que deve-se comprometer com o suicídio disciplinar se tiver sido treinado em história, economia, ciência política, psicologia, comunicação, sociologia, e assim por diante. Você não tem que perder o interesse nos tópicos mas você deve descobrir um outro método de abordagem e uma nova teoria para explicar os fenômenos.

Itibari M. Zulu : Com base em seus anos de experiência, o que você aconselha para novos estudiosos de *Africologia*?

Molefi K. Asante : Eu acho que nunca devemos esquecer nossa origem revolucionária. A intenção de quem criou a disciplina era fazer diferença na vida do povo Africano. Era mais sobre a transformação societal do que sobre carreirismo ou intelectualismo público. Nós estávamos em nosso caminho para a criação de uma nova plataforma para resgatar nossas comunidades das situações opressivas que conhecíamos diretamente.

Itibari M. Zulu : Como que a *Africologia* pode se tornar mais relevante para os desafios e oportunidades na comunidade mundial Africana não acadêmica?

Molefi K. Asante : Devemos estar ativamente envolvidos em todas as principais questões que confrontam nossas comunidades em qualquer lugar do mundo onde elas estão. Isto significa que temos de nos engajar no mundo em questões de ética, guerra, terror, liberdade e democracia. Não devemos dar nenhum espaço para aqueles que nos pedem para ter um papel secundário nestas questões. Sim, devemos estar à frente na proteção da autodestruição da nossa comunidade. Devemos promover a cultura Africana como uma forma de interpretar muitas realidades. Junte-se às organizações Pan africanas como o *Trans Africa Forum* (Fórum TransÁfrica) e participe das atividades comunitárias de empoderamento preto.

Itibari M. Zulu : Em seu livro “*A History of Africa: The Quest for Eternal Harmony*” (Uma História da África: A Busca por Harmonia Eterna), você relata que as idéias nativas, conceitos africanos, e perspectivas tradicionais teriam escapado à escrita da história Africana no Ocidente. Como isso aconteceu, e o que podemos fazer para mudar isso?

Molefi K. Asante : Estou feliz que você mencionou este livro porque acredito que reúne todos os conceitos e ideias em que acredito. Eu queria escrever uma obra que fosse Afrocêntrica, identificasse a nossa agência, e tivesse nobreza. Eu estava ansioso para interrogar as narrativas dos próprios africanos, explorar costumes africanos, tradições e sabedoria. É assim que mudamos a escrita de nossa história; quando a escrevemos.

Itibari M. Zulu : Como ativista-intelectual líder da *Africologia*, o que é e tem sido o âmbito e a importância da *Cheikh Anta Diop International Conference* (Conferência Internacional Cheikh Anta Diop) e das reuniões da *International Conference of African Intellectuals* (Conferência Internacional de Intelectuais Africanos) ocorridas em Dakar, no Senegal, e Salvador, no Brasil?

Molefi K. Asante : A Conferência Internacional Cheikh Anta Diop de afrocentristas foi iniciada em 1988, dois anos após a morte de Cheikh Anta Diop. Ela tem sido a maior e mais dinâmica reunião de estudiosos da antiguidade Africano nos EUA. A Conferência Diop reúne novos e antigos estudiosos que são Afrocêntricos em suas pesquisas. Ao contrário do grupo de interesse mais geral, ASCAC, que inclui uma variedade de viajantes, oradores, e palestrantes motivacionais sobre o Antigo Kemet, a Conferência Diop foi desenhada como uma organização que iria manter o foco na pesquisa intelectual e acadêmica da África clássica. Por outro lado, a Conferência Internacional de Intelectuais africanos é uma associação criada pela União Africana para estimular intelectuais africanos a participarem do processo político. Os governos estão procurando pelo melhor conhecimento que possam encontrar de Africanos de toda parte do mundo. Eu fui uma das 12 pessoas selecionadas para dar uma palestra na reunião de Dakar. Eu também falei na reunião de Salvador. Estas séries de encontros reuniram mais de 1.500 intelectuais do mundo preto.

Itibari M. Zulu : Que preocupações (se houver) que você tem com o lento progresso na nomeação de unidades acadêmicas como de 'Africologia' na academia?

Molefi K. Asante : Bem, eu tenho muitas preocupações. Estou em um departamento onde há dois de nós que acreditam que devemos mudar o nome, mas há outros que não parecem ter as mesmas inclinações disciplinares que nós ou eles simplesmente criam obstrução porque é uma proposta dos *afrocentristas* do departamento. Nunca se pode subestimar o poder da falta de consciência.

Itibari M. Zulu : Considerando a riqueza de conhecimento e talento dentro da comunidade *Africológica*, na sua opinião, porque há tão poucos institutos ou *think tanks* (grupos de reflexão ou estudo dirigido) independentes comunitários nos EUA e em outras partes do mundo?

Molefi K. Asante : Você precisa de consciência, conhecimento e dinheiro. Nós ainda não temos o número suficiente de pessoas que têm conhecimento e dinheiro para criar os *think tanks*. Há pessoas com conhecimentos e há pessoas com dinheiro, mas não temos número suficiente de pessoas com dinheiro e consciência para criar esses grupos de reflexão. Em outras comunidades as pessoas ricas como filantropos criam tais institutos. Nós ainda não atingimos esse nível de pensamento de longo prazo e ação. Ele virá, mas ele não virá até que tenhamos criado aqueles indivíduos que querem fazer isso acontecer. Eu certamente acredito que precisamos de *think tanks* que não façam nada além de pensar sobre como promover a saúde do mundo Africano.

Itibari M. Zulu : Nesta discussão eu não tenho nenhuma dúvida de que poderíamos falar durante dias sobre você, seu trabalho e do estado da *Africologia*, mas uma vez que não temos esse luxo, há alguns palavras, pensamentos ou afirmações que você gostaria de compartilhar com a nossa leitores para finalizar esta entrevista?

Molefi K. Asante : Uma das áreas em que tenho trabalhado mais extensivamente é a educação nas escolas públicas. Eu escrevi a proposta do curso de História Africano-Americana para o Distrito Escolar de Filadélfia logo depois que eu tinha escrito o texto de ensino médio "*African American History: A Journey of Liberation*" (História Africano-Americana: Um caminho de libertação). Temos que manter a *Africologia* envolvida com a educação. A educação Afrocêntrica é uma necessidade fundamental para qualquer um que queira declarar competência em quase qualquer assunto nos Estados Unidos da América; caso contrário, a pessoa permanece essencialmente ignorante de uma grande parte do mundo. Um dos nossos

objetivos é garantir que a nossa disciplina desempenhe um papel importante no processo educacional.
